

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira.

FOLK-LORE PORTUGUEZ

—*—

Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas
por

A. THOMAZ PIRES

(Continuado de pag. 56 vol X)

313

Ausente d'um bem que adoro
Como poderei eu estar,
De dia com sentimento
De noite a imaginar.

314

Amores que se não vêem
Senão de mezes a mezes,
Esses são os mais queridos
Que se vêem menos vezes.

315

Se eu soubera adivinhar
Que tu eras meu amor,
Levantava as mãos ao céu
Dava graças ao Senhor.

316

Se eu soubera que já tinha
N'esse teu peito um lugar,
Eu fazia um protesto
De p'ra outro não olhar.

317

O' olhos da preta amora
Vão andando que eu já vou,
Vão dando claridade,
Que a lua já se acabou.

318

Rapariga, tola, tola,
Eu não sou o teu amante,
Nascestes em lua cheia
E eu no quarto minguate.

319

Aldeia da Conceição

Rodeiada de *calitos*,
Converso c'o meu amor
Não me importa cá com ditos.

320

Minha avó, que feiteira,
Eu bem na vi *avoar*
Da porta para a rua
E da rua p'r'ó quintal.

321

Com a penna da gaivota
Escrevi a letra V;
Já perdi a minha nota,
Agora me ganhas tu.

322

Quem me a mim ouvir cantar
Cuidará que estou contente,
Eu canto por disfarçar
Minha paixão tão ardente.

323

Dos pares que andam bailando
Ali no meio do terreiro,
Não se me dá de apostar:
Nenhum d'elles tem dinheiro.

324

Adens, ó rapazes d'Elvas,
Amigos da minha idade,
Vou p'r'á Africa por tres annos
Na flor da mocidade.

325

Eu hei de ir áquelle ceo,
Romper por aquella nuvem,
Pois boto os olhos ao ceo,
Já que te lograr não pude.

326

Alfaiates, sapateiros,
E' uma corja de ladrões,
Alfaiates furtam linhas
Sapateiros cordovões.

327

Alfaiates não são homens,
Sapateiros também não,
Quando chega o almocreve

Bate a terra, treme o chão.
328

A mãe era pobresinha
O pae pescador d'anzol
E a filha ficava em casa
Catando as pulgas ao sol.

329

Os bombeiros voluntarios
São de muita utilidade,
Trabalham não por intresse
P'ra defender a cidade.

330

O officio de barbeiro
Não o gabo eu a ninguém,
O maldicto do officio!
Nunca avezam um vintem!

331

Trago dentro do meu peito
Botica e boticario
Para dar ao meu amor
Quando lhe fôr necessario.

332

O meu amor è ourives
Mora na rua do Ouro,
Inda não fallei com elle
Já me deu um anel d'ouro.

333

A Senhora d'Ayres
Ao pé de Vianna
Tem o altar-mor
Feito á romana.

334

Queria-te levar, meu bem,
A veres a feira do gado
Mas não darás lá contigo
Por te apertar o calçado.

335

E's uma mulher horrenda
Não quererás ouvir isto;
Chucha lá n'essa borracha
Offerece ás chagas de Christo.

336

O diabo leve os homens,
Fora àquelle a quem quero bem
Se algum dia me fôr falso
Leve-o o diabo tambem.

337

Aquelle primeiro amor
Que dentro d'alma se sente,

Eu não sei que effeito faz
Que nos lembra eternamente.
338

Salsa verde e letrêia
São palavras em latim;
Deus me dê no *cante* idéia
Para te fallar assim.

339

Antonio, de Santo Antonio,
Francisco, de S. Francisco,
José, de Nossa Senhora,
Manoel nome de Christo.

340

Sou caçador de cadeira
Assentado mato caça,
Trago o chumbo n'algibeira
A polv'ra n'uma cabaça.

341

Olhe là, senhor José,
Ouça o que lhe vou contar:
Se eu tivesse quinze annos
Não me havia de escapar.

342

O' senhor José Maria
O seu nome é como o meu,
Você è José Maria,
Maria José sou eu.

343

Tenho um canivete dourado
Ao canto do meu bahu
Para dar ao meu amor,
Queira Deus que sejas tu.

344

Oliveiras, oliveiras,
Ao longe são olivaeas
Por muito que tu me queiras
Eu inda te quero mais.

345

Semeei no val' d'engano
Os meus gostos ao futuro,
Em me amar's ha tanto anno
Inda me não tens seguro.

346

Aquelles dias que eu passo
Sem te ver, q'rid'amante,
Ando tão agoniada
Que não socego um instante.

347

Tu ausente e eu ausente,

Ambos e dois separados,
D'estes dois corações
Qual será mais desgraçado.

348

Eu não sei que faço em qu'rer-te,
Em ser firme, em adorar-te,
Estar sujeito a teus preceitos
Vir outro amor, e lograr-te.

349

O meu amor me pediu
Que por elle não chorasse,
Que lhe não dêsse mais penas,
Que o não mortificasse.

350

Ai, meu amor, meu amor,
Já não posso viver mais,
'Stão-me consumindo os dias
Os meus repetidos áis.

351

Quatro flores em meu peito
Todas quatro desmaiadas
Cravo roxo, amor perfeito,
Rosa branca e encarnada.

352

Da palmeira nasce a palma
Da palma nasce a *felor*
Da *felor* nasceu a Virgem
E da Virgem o Redemptor.

353

Onde se conhecem amigos
No centro d'uma prisão,
Foi 'ma onça de tabaco
E um aperto de mão.

354

Se estás mal do coração
Eu te ensino a medicina,
Sal e alho e pimentão
Água forte e trementina.

355

Abençoada laranjeira,
Tanta laranja deitou;
Eu é que fui a primeira
Que o teu coração logrou.

356

Maria, Antonia, Cath'rina,
Francisca, Zabel e Anna,
Thereza, Julia, Joaquina,
Rita, Rosaria, Joanna.

357

No largo dos *Tereceiros*
Lá 'stá uma cabaceira;
Mal empregada menina
Ter tão pouca mioleira.

358

O' meu amigo Lambuza
E's muito da minha graça,
No largo dos *Tereceiros*
Já levaste uma cabaça.

359

Já não tenho quem me lave
Nem quem me deite um remendo,
Para que quero eu amores
Se eu casar não pretendo.

360

O ingrato do amor
Passa por mim, não me falla,
Pensa que me faz vingança,
Eu com isto me regalo!

361

Donde vae, senhor *Lixandre*
Donde vae tambem vou eu,
Vou buscar a minha rosa
Ao jardim que já foi meu.

362

Donde vae, senhor *Lixandre*
Donde vae tambem eu vou,
Vou buscar a minha rosa
Que no jardim me ficou.

363

Donde vae, senhor *Lixandre*,
Donde vae p'r'á Calçadinha,
Vou buscar a minha rosa,
Minha amora madurinha.

364

Appar'ceu no meu quintal
Uma flor de muito gosto,
Mas tem só um defeito
Que é abrir ao sol posto.

365

Que rouxinol tão bonito
Que tem a minha amada,
Tanto canta ó 'noitecer,
Como canta á madrugada.

366

O meu amor é boieiro,
E' boieiro e guarda bois,
Mora nos Reboleiros
Ha de cá vir ó *depois*.

367

Senhor Padre eu pequei,
Eu lhe direi o peccado.
Eu comi á sexta-feira
Um franganito assado.

368

O povo de Barbacena
E' um povo muito honrado,
Quando fôr á nossa terra
Hade ser muito estimado.

369

Camponezas, camponezas,
Eu sou de Campo Maior,
Rendeste-me uma fineza
Eu rendo-te outra maior.

370

Chapeu de meia moeda
Ninguém o tem senão eu,
Aqui n'esta funcção anda
O alarve que m'o deu.

371

Inda agora d'aqui fui
Aqui me tens outra vez,
Venho a dar a resposta
Do açano que me fez.

372

Adeus homem, 'stá cá ella,
Minha bocca de maquia
Foi-se namorar a gaja
Ao meio da ganharia.

373

A fama dos cantadores
Quando chegam a um baile,
Perguntar aos seus amores
Se passaram bem ou mal.

374

Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me quero ir,
Deita cá esses teus olhos
Que me quero despedir.

375

Solteirinha engraçada
Lindas faces côr de rosa,
Enganando por esp'rança,
Trigueirinha mais formosa.

376

Levantei-me um dia cedo
Para ouvir cantar a pêga,
Uma voz ouvi dizer

Aqui morreu a gallega.

377

Encostei-me a esses teus braços
Oh que encosto tão galante,
Fiquei presa nos teus laços
Na cadeia dos amantes.

378

Vae-se o dia vem a noite,
Vae-se a noite o dia vem,
Estou gostosa de mim mesmo,
Não quero bem a ninguém.

379

No principio do meu mundo,
Na infancia da idade,
M'ensinaram a mentir,
Nunca mais fallei verdade.

380

Teus olhos de matar,
Sobrancelhas de ferir,
Tens a cor demudada,
Isso é de não dormir.

381

Quando passas pela rua
Os meus olhos em ti vão,
Quando olhas com ternura
Chôro sem consolação.

(Continúa.)

Quadras Populares

Meninas não façam caso
Da cantiga ser errada:
Tambem um bom caçador
Atira... e não mata nada!

A murtinheira é um vidro,
Ao fechar na mão se quebra;
Assim é você comigo
Cuida que o vento me leva.

Se o amor quer ser rogado,
Eu nunca roguei ninguém;
Arrengo do amor
Que á força de rogos vem.

